

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS

Secção: Migrações e Multiculturalismo

## **A influência do multiculturalismo ibérico na Europa: de Dante a Pessoa**

Por Fernanda Mendes

### **Síntese biográfica**

Jornalista há mais de 20 anos, graduada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e ativista pelos Direitos Humanos, por meio da metodologia não-violenta. Editou, no Brasil, obras de autores latino-americanos sobre esta e outras matérias de cunho político e social, entre as quais *O Fim da Pré-história*, de Tomás Hirsch, com prefácio do presidente Evo Morales.

Atualmente, é doutoranda em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos na Universidade do Porto. Nos últimos anos, participou do grupo de investigação de mitos e imaginário do Centro de Estudos do Imaginário, Culturanálise de Grupos e Educação, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (CICE – USP), vinculado ao *Groupement de Recherches Européennes Coordonnés – Centres de Recherches sur L’Imaginaire*, fundado por Gilbert Durand e integrante do CNRS – Centre National de la Recherche Scientifique/France.

## **Resumo**

Muito além da assimilação da ciência e da filosofia gregas trazidas pelos árabes, a sociedade ibérica do Al-Andalus irradiou para toda a Europa um legado multicultural sem paralelos. Prova disso é a recente constatação da influência islâmica em importantes obras da produção simbólica de abrangência continental, como é o caso da Divina Comédia de Dante Alighieri – prestes a completar 700 anos – e da Revista Orpheu, que comemorou 100 anos em 2015, idealizada por Fernando Pessoa - junto com Mário de Sá Carneiro.

A partir de uma intersecção entre esses dois grandes autores, fundamentada nos seus respectivos engenhos de criação a partir do “sincretismo cultural e religioso”, fica patente o benefício da convergência entre culturas. No entanto, essa perspectiva que só começou a ser considerada com rigor a partir deste século, mas ainda enfrenta resistências tanto na academia como na sociedade.

Nesse sentido, e dado o seu histórico, o povo ibérico pode contribuir ativamente para os esforços de tolerância cultural e religiosa que permitiram superar muitas das atuais dificuldades enfrentadas pela Europa hoje. E, a partir dessa reconciliação, colaborar na construção de uma nova plataforma efetiva para os Direitos Humanos.

Nas palavras de Pessoa, os povos ibéricos não são latinos, por serem, antes, romano-árabes. Em seus escritos iberistas afirma: “A nossa grande tradição arabe – de tolerancia e de livre civilização. E é na proporção em que formos os mantenedores do spirito arabe na Europa que teremos uma individualidade à parte.”

## **Palavras chave:**

Multiculturalismo; islamico; ibérico; Dante; Pessoa

# **The influence of Iberian multiculturalism in Europe: from Dante to Pessoa**

Fernanda Mendes

PhD student of Cultural, Literary and Interartistic Studies at Porto University

## **Abstract**

Far beyond the assimilation of science and Greek philosophy brought by the Arabs, the Iberian society of Al-Andalus beamed across Europe a multicultural legacy unparalleled. Proof of this is the recent finding of Islamic influence in important works of symbolic production of continental scope, such as the Divine Comedy of Dante Alighieri - about to turn 700 years - and the magazine Orpheus, which celebrated 100 years in 2015, created by Fernando Pessoa - along with Mário de Sá Carneiro.

From an intersection between these two great authors, based on their respective creating devices from the "cultural and religious syncretism," it is clear the benefits of convergence between cultures. However, this perspective only began to be considered strictly from this century, but which still faces resistance both in academia and in society.

Accordingly, and given its history, the Iberian people can actively contribute to the cultural and religious tolerance efforts that have overcome many of the current difficulties faced by Europe today. And from this reconciliation they could contribute to build a new effective platform for Human Rights.

In the words of Pessoa, the Iberian peoples are not Latin, being rather Roman-Arab. In his Iberian writings, he said: "Our great Arab tradition - of tolerance and free civilization. And it is to the extent that we are supporters of arab spirit in Europe we have an individuality apart. "

## **Key words**

Multiculturalism; islamic; iberian; Dante; Pessoa

## **Introdução**

Num brilhante artigo publicado cerca de um ano antes de sua morte, no semanário italiano *L'Espresso*, e traduzido e publicado em diferentes meios em distintos países, Umberto Eco lembrou os leitores sobre as estreitas relações mantidas entre o Ocidente e a tradição islâmica ao longo da história, esquecidas devido à barbárie de reduzidas células terroristas. Com essa afirmação o ilustre e recém falecido autor conclui o escrito, que a exemplo de sua tradicional sagacidade intelectual, relaciona um tema tão atual como o fundamentalismo islâmico à recomendação de leitura do livro “Dante e o Islão”, tema central do escrito (Eco, 2015).

A Península Ibérica foi, sem dúvida, a porta de entrada da cultura árabe-islâmica e possibilitou essa e outras interações culturais que fundaram as bases do mundo como o conhecemos hoje, num momento histórico no qual a cultura europeia era periférica, e cujo desenvolvimento culminou nos “descobrimientos” e a conseqüente reviravolta no curso dos acontecimentos instaurada a partir de então. Estamos a falar do advento do Al Andalus, entre os séculos VII e XV, quando a ocupação árabe abriu caminho não só para uma era de avanços tecnológicos, científicos e filosóficos sem precedentes na Europa, como também no plano simbólico dos costumes, arte e mesmo religião.

Este contributo simbólico, no entanto, foi menosprezado pela narrativa histórica pós-Reconquista Cristã, o que explica em grande parte o estranhamento entre as culturas ocidental e islâmica que experimentamos na atualidade. Para moldar as consciências à nova ordem foi preciso promover a demonização não só da religião islâmica como das tradições africanas e pagãs – muitas associadas ao divino feminino – numa operação de “caça às bruxas” generalizada. Ao selecionar no passado as referências para o presente, podemos dizer que a memória coletiva continua a propagar esse temor, cujos contornos fundamentam até os discursos intelectuais e acadêmicos.

Compreender os contornos deste conteúdo invisível porém determinante sobre o pensamento – o poder simbólico, como conceituou Pierre Bourdieu (Bourdieu, 2000) – é um dos grandes desafios para a promoção da Paz e dos Direitos Humanos na sociedade globalizada. A busca da “justa memória” (Ricoeur, 2008) ou o “dever de memória”, segundo Derrida ou, ainda, a “ética da recordação”, para Duvignaud (Cruzeiro, 2009) se impõe como fundamento para qualquer discussão sobre os

significados de “liberdade e dignidade” que alicerçam a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Daí a importância da experiência multicultural ibérica para o enriquecimento da História, tornando-nos capazes de ampliar o conhecimento de nós mesmos como espécie humana.

De um modo mais concreto, é possível afirmar que só a partir da inclusão de todas as vozes na narrativa histórica seria possível enquadrar como atentado aos direitos humanos universais tanto o seccionamento legal da mão do ladrão, que se pratica em alguns países árabes, quanto a pena capital praticada nos Estados Unidos, como nos explica o filósofo argentino Silo (Silo, 2005), só para citar um dos exemplos mais grosseiros. Além de constatar que “também é verdade que, assim como [na cultura ocidental] há uma grande porção da sociedade que repudia a pena de morte... [no islamismo] são numerosos os detratores de todo o tipo de castigo físico para o réu”.

Mas se a história se eleva a partir da memória para instruir um entendimento mais coerente do passado, associando-o a meios de prova e a uma capacidade analítica que o rememorar não possui, podemos começar pelos ecos e testemunhos que ainda podem ser recolhidos. Aqui inscreve-se a importância do estudo das obras literárias, que nos dizem muito à respeito de como era a vida numa determinada época, sua glória ou seu obscurecimento.

### **Ecoss literários em Dante**

Devido às limitações de espaço, este breve artigo restringir-se-á ao exame da presença árabe-islâmica em dois grandes autores europeus de diferentes lugares e tempos históricos, cujas obras são ao mesmo tempo inspirações e testemunhas da influência multicultural islâmica sobre o universo simbólico ocidental. Estamos a falar de Dante Alighieri e Fernando Pessoa.

A Divina Comédia de Dante é, sem dúvida, o exemplo mais emblemático. Escrita nos primeiros anos do século XIV, continua sendo lida e utilizada como modelo e mote para autores até hoje. Conhecida como ícone do Cristianismo – narra a viagem de Dante do Inferno ao Paraíso, em busca de sua amada Beatriz, e guiado pelo poeta clássico Virgílio – já está comprovado que a obra foi inspirada na jornada noturna do profeta Maomé e sua ascensão ao Paraíso.

A hipótese foi levantada pelo filólogo espanhol Miguel Asin Palácios, que em 1919 apresentou à Real Academia de Espanha o estudo intitulado “A escatologia muçulmana na Divina Comédia de Dante Alighieri” (Palacios, 1919). O documento causou uma acalorada polêmica durante décadas, sobretudo na Itália. Para se ter uma ideia, a obra foi editada naquele país somente em 1994 e reeditada no final de 2014.

Esse filólogo murciano – e padre jesuíta – dedicou a maior parte de sua carreira ao estudo da filosofia e teologia na época do Al Andalus, em particular ao paralelismo existente entre a escolástica e a tradução sufi. Segundo ele, são imensas as similaridades entre a Divina Comédia e a jornada de Maomé, sendo alguns dos castigos impingidos aos pecadores praticamente os mesmos. Um dos argumentos centrais da polêmica causada por sua hipótese seria a suposta dificuldade de Dante ter acesso ao relato islâmico, dado que não era versado em árabe.

A debilidade deste argumento mostra a força do poder simbólico cristão sobre as evidências empíricas, uma vez que o sumo poeta italiano viveu num período no qual a sabedoria árabe-islâmica era apreciada tanto Afonso X, como por seu contemporâneo Frederico II, na Itália, que também ficou conhecido por ser um grande promotor desse conhecimento. Finalmente, a jornada maometana consta de vários textos da tradição islâmica e tem, inclusive, diferentes versões.

Contudo, foi a descoberta das traduções em latim e francês antigo no Livro da Escada de Maomé em 1949 – cinco anos após a morte de Palácios – que deu impulso à tese da influência islâmica na Divina Comédia. Ambas datam de 1264, antes do nascimento de Dante e são as versões mais completas da viagem maometana das quais se tem conhecimento. Curiosamente, segundo o filólogo italiano Levi de la Vida (Vida, 1949), os prefácios de ambas as traduções, quase idênticos, assinados por Afonso X, diz que seu objetivo é dar a conhecer “a vaidade e a mentira” das coisas narradas no livro, em confronto com a verdade da fé cristã”. Sem dúvida, acrescenta o estudioso, um engenho para justificar a divulgação de um escrito muçulmano, e mantê-lo longe da perseguição cristã. Além disso, estão incluídas na última parte da *Collectio Toledana* – coletânea de escritos sobre a fé muçulmanos que foi encomendada cerca de cem anos antes – 1142 e 1143 – por Pedro, o Venerável, abade de Cluny. Ou seja, tal coleção tornou-se um verdadeiro dossiê das tradições daquela religião, permitindo um amplo conhecimento da mesma por aqueles que tivessem acesso ao documento.

O fato é que passados cem anos depois da ousadia de Palácios – ele mesmo um jesuíta – o mundo literário ainda carece de uma crítica da Divina Comédia que vá além de simplesmente reconhecer a influência islâmica como modelo narrativo e tente avançar no plano do significado simbólico, estabelecendo um novo paradigma para a análise das obras literárias, sobretudo medievais, a partir dos conteúdos dessa memória ampliada.

### **Fernando Pessoa por ele mesmo**

Já a presença árabe-islâmica em Fernando Pessoa é expressa por ele mesmo, a partir de escritos e anotações em bibliografia de seu acervo pessoal. No entanto, ela foi elucidada e trazida a público por meio do excelente trabalho do investigador italiano Fabrizio Boscaglia (Boscaglia, 2015), que participou da digitalização desses documentos.

Curiosamente, Dante foi redescoberto por um filólogo ibérico e Pessoa, a por um italiano. Mais curioso ainda é o fato de Pessoa ter deixado um traço lateral a lápis ao lado de uma passagem sobre o papel dos filósofos islâmicos na transmissão da obra de Aristóteles à Europa, numa versão traduzida para inglês da Divina Comédia, que constava de sua biblioteca particular.

A criatividade do poeta português produziu, ainda, um heterônimo árabe, Antônio Mora, e escreveu suas “*Rubaiyat*”, inspirada na obra homônima do sábio persa Omar Khayyam, uma das obras mais lidas, traduzidas e comentadas por ele.

Segundo Boscaglia, o tema da tolerância árabe-islâmica está intimamente ligado à síntese cultural, literária e filosófica que Pessoa queria realizar através do movimento chamado sensacionismo e da revista *Orpheu*, completou 100 anos em março de 2015. Fundada em conjunto com o também poeta Mário de Sá Carneiro, *Orpheu* é uma das mais icônicas produções do modernismo português e, junto à obra pessoana, teve projeção em nível internacional.

Para Pessoa, “[Os sensacionistas têm] a vantagem típica do espírito árabe: a universal curiosidade activa, com que aceitam as influencias de todas as bandas, lhes aprofundam o sentido, lhes reúnem os resultados e finalmente as transformam na substancia do seu proprio espírito” (Boscaglia, 2015). A presença do Al-Andalus em seus escritos é um dos aspectos mais significativos da reflexão do poeta-pensador português sobre a civilização árabe-islâmica. Para ele, os povos ibéricos são o cruzamento das civilizações

romana e árabe. Bem ao contrário da historiografia ibérica medieval, que vincula o passado da região aos povos bárbaros convertidos ao catolicismo, frisou em seus escritos iberistas que “é na proporção em que fomos os mantenedores do espírito árabe na Europa que teremos uma individualidade à parte”.

Pessoa, ainda, incluiu o profeta do Islã em suas reflexões sobre genialidade. De acordo com Boscaglia, para o poeta tanto Maomé como Jesus “eram realmente criadores, não de coisas novas, reconheça-se, mas de situações novas”. A afirmação coincide com os escritos sensacionistas, nos quais o conceito de originalidade é entendido “não através da novidade, mas sim através da síntese entre elementos pré-existentes”. O nome “Mohammed” aparece numa lista elaborada pelo poeta com 17 indivíduos que marcaram a história da civilização, juntamente com Homero, Platão, o Infante D. Henrique, Lutero, e o próprio Dante.

### **Conclusões**

A intenção de integrar novos conteúdos na memória coletiva e reorganizar os nexos entre antigos e novos, parece ser o único modo de reconciliar aqueles que não querem lembrar e os que não conseguem ou não querem esquecer. Em grande parte, os conflitos que o mundo vive na atualidade – entre culturas, religiões, gêneros – originam-se nesta violência simbólica que se afirma no esquecimento daquilo que define o outro como ser humano e o transforma num objeto, útil ou dispensável, de acordo aos interesses do poder vigente num dado momento.

Por isso, a legitimidade das memórias esquecidas coloca como desafio a qualquer sociedade o alargamento de sua história – valorizando as diferenças e reconhecendo sua contribuição para a humanidade – e a transmissão desse legado em todos os espaços públicos. Em relação à contribuição árabe-islâmica ao Ocidente cristão, mais do que o resgate de uma memória trata-se de um patrimônio imaterial a ser preservado, com o potencial de encontrar no passado as soluções para o futuro.

Deste modo, os povos ibéricos podem fazer a diferença, como tributários legítimos de uma civilização multicultural que pode servir de referência para uma sociedade global justa, plena em liberdade e dignidade para todos. Ao lembrarem-se do legado árabe-islâmico que trazem na alma, podem conduzir a humanidade ao redescobrimento de si própria.

## **Bibliografia**

- Bourdieu, P. (2000). **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Brasil: Bertrand Brasil.
- Boscaglia, F. (2015). **A presença árabe-islâmica em Fernando Pessoa**. Lisboa, Portugal: Tese de Doutoramento – Universidade de Lisboa.
- Cruzeiro, M. (2009). **Memoria individual/memoria colectiva**. Portugal. Caminhos da Memória. URL: <https://caminhosdamemoria.wordpress.com/2009/09/23/memoria-individualmemoria-colectiva-conflito-e-negociacao/>
- Eco, U. (2015). **Dante e o Islã**. São Paulo, Brasil: Uol Notícias. URL: <http://noticias.uol.com.br/blogs-e-colunas/coluna/umberto-eco/2015/03/03/dante-e-o-isla.htm>
- Palacios, Miguel Asín y (1919) – **La escatología musulmana en la Divina Comedia de Dante Alighieri – discurso de ingreso a la Real Academia Española**. 1ª ed. Madri, Espanha: Imprenta de Estanislao Maestre.
- Ricoeur, Paul (2008) – **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, Brasil: Ed. Unicamp.
- Silo, M. (2005) – **Nona carta a mis amigos**. In **Carta a mis amigos** : sobre la crisis social y personal en el momento actual. Santiago, Chile: Virtual Ediciones.
- Vida, G. (1919). **Nuova Luce Sulle Fonti Islamiche Della Divina Commedia**. Revista Al Andalus: Revista de las Escuelas de Estudios Árabes de Madrid y Granada nº14.
-